

FENÓMENOS DE CAPOEIRA

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Era uma vez uma galinha que cantava de galo.

– Que é lá isso? Já não há respeito? – indignou-se o único galo da capoeira. – Então, daqui para a frente, passas a ser tu a anunciar a alvorada.

A galinha escusou-se à responsabilidade. Que não tinha vocação para corneteiro, que não era dada a madrugada, que até tinha o sono pesado e mais que torna e mais que deixa, tudo desculpas esfarrapadas.

– Nesse caso, deixas de imitar-me – impôs o galo.

A galinha fez que sim. Depois, esqueceu-se e, na primeira ocasião, voltou a cantar de galo.

– O que combinámos, ainda há pouco, já não conta? – perguntou o galo, muito arreliado.

A galinha desculpou-se, tinha-lhe passado da ideia e, para mais, andava com a voz rouca da humidade. Mas não voltaria.

Voltou.

Tantas vezes cantou de galo que até parecia desafio. Não era. A galinha gostava de brincar, de fazer imitações. Se lhe desse para isso até era capaz de zurrar como os burros...

– Burro serei eu se suportar mais esta afronta. Tu continuas a cantar de galo e eu vou passar a pôr ovos – ameaçou o velho galo.

Correu a notícia. O galo ia pôr ovos. Vieram de todos os extremos da quinta os bichos que nela viviam. Patos, perus, ovelhas, vacas, porcos, burro e os dois cães de guarda puseram-se à volta do galo, à espera do fenómeno...

– Com tantos ao pé de mim, não consigo – disse o galo, embaraçado.

Quis mantê-los à distância, mas em vão. A curiosidade era muita e não se podia perder pitada do grande acontecimento.

Ovo é que não houve meio.

– Desisto – concluiu o galo. – Isto de pôr ovos e, ainda por cima, diante desta plateia de basbaques, não é para as minhas forças.

Conclusão sensata.

– Põe tu um ovo por mim – disse o galo para a galinha que, às vezes, cantava de galo.

Ela pôs, sem nenhuma dificuldade, e, depois, não cantou de galo. Cacarejou como cacarejam as galinhas quando acabam de pôr um ovo.

– Bonita cantiga – elogiou o galo.

Toda a bicharia era da mesma opinião. Um encanto de cantiguinha. Um mimo de voz. Um gargarejo mesmo melodioso.

A galinha, envaidecida, corou até à crista. E não voltou a cantar de galo.

Isto é: uma vez por outra arremedava-lhe a voz, mas só para fazer rir as franganitas.

FIM